



Grupo Parlamentar
Bloco de Esquerda
Açores



Declaração Política – deputada Zuraída Soares

Senhor Presidente

Senhoras e Senhores Deputados

Senhora(s) e Senhores Membros do Governo

O Mundo mudou!

Esta frase faz hoje parte do quotidiano de todos e todas que vivemos neste planeta.

Uma realidade insofismável, sem paralelo na História da Humanidade, que nos projectou para a era da globalização. O salto para esta nova era, que hoje vivemos, teve como suporte fundamental a revolução tecnológica e científica e, como base ideológica, a Liberdade, a Democracia e o respeito pelos Direitos Humanos.

Nos finais do século passado, milhões e milhões de pessoas, por todo o mundo, acreditaram que era possível um mundo melhor, sem guerras, com respeito pelas pessoas e pelos seus direitos individuais e colectivos.

Afinal, foi sol de pouca dura. Esta globalização, ao contrário da esperança de milhões, não acabou com as guerras; pelo contrário, multiplicou-as e, por via disso, os orçamentos para armas aumentaram. Não acabou com a pobreza absoluta, pelo contrário, aumentou-a e, mesmo a pobreza relativa, tem vindo a ganhar terreno.

Na Europa, os direitos sociais conquistados, têm vindo a ser mitigados a cada dia que passa, em todos os países.

Em 30 a 40 anos, a esperança das pessoas foi, progressivamente, substituída pela incerteza, pela intranquilidade e pelo medo.

O oásis prometido deu origem à maior crise económica de sempre e a um lastro de sofrimento à escala global.

Afinal, a liberdade apregoada era tão só a liberdade do capital financeiro se expandir a níveis nunca antes alcançados, concentrando os recursos do planeta em cada vez menos mãos e impondo uma forçada acumulação de capital, deitando mão de tudo para o conseguir.

Aí estão, no seu auge, os resultados da ortodoxia do neo-liberalismo que todos e todas, hoje, conhecemos.



Grupo Parlamentar
Bloco de Esquerda
Açores



O nosso país não fugiu a esta regra: o neo-liberalismo - com mais ou menos matizes - foi e é a cartilha da classe política e financeira que tem dirigido este nosso país.

Mas esta ortodoxia do mercado - o chamado pensamento único, na economia -, estendeu-se às tentativas de imposição de pensamentos únicos, não só na forma de pensar de cada pessoa, mas também na sua maneira de viver.

Às forças de esquerda cabe hoje, no mundo, o papel de ombrear com todos os milhões que se levantam contra esta ortodoxia, pugnando por uma globalização que tenha o ser humano no centro e não a finança.

Esta luta também é global.

Uma luta política que vai da economia à cultura, dos costumes à filosofia, contra o pensamento global único; em suma, uma luta pela democracia.

Esta luta, em várias frentes, é prolongada, terá fases de avanços e recuos e os socalcos terão de ser vencidos, um a um.

Mas sendo uma luta global, ela é travada a partir de cada país e, no nosso, a batalha política das Presidenciais assume especial relevo e importância política.

Nesta batalha, o Bloco de Esquerda já assumiu a sua posição: todo o empenho, na vitória de Manuel Alegre.

O Bloco de Esquerda/Açores assumiu, sem reservas, o apoio à decisão da Direcção Nacional e por maioria de razão.

O actual Presidente da República é um discípulo activo da ortodoxia reinante no mundo. Também para ele, o mercado é sagrado. Tem sido esta a política seguida, com os desmandos conhecidos para quem trabalha. Mas o actual Presidente tudo apoia, incentiva e promulga.

Portugal não precisa de um Presidente adepto fervoroso do neoliberalismo.

Portugal não precisa de um Presidente que não entenda as alterações sociais que o mundo atravessa e se oponha, sistematicamente, à evolução do conceito de família e à sua adequação às novas realidades, ou que não entenda os direitos de minorias à cidadania plena. O Portugal moderno, não pode ter uma moral oficial e tolerar os que são diferentes, guetizando-os na lei.

Portugal não precisa de um Presidente, que olhe as Autonomias com desconfiança e que lhes crie, constantemente, obstáculos ao seu desenvolvimento. A visão centralista



Grupo Parlamentar
Bloco de Esquerda
Açores



de que deu provas, quando era primeiro-ministro, não se dissipou com o tempo; antes se refinou, como o prova a rábula do processo de promulgação do nosso Estatuto.

O que Aníbal Cavaco Silva tentou fazer, a propósito do Estatuto Político-Administrativo dos Açores - fomentando uma opinião pública contrária às Autonomias -, não serve os Açores e, por isso, não serve o País.

E tão só esta razão bastaria para que o Bloco de Esquerda/ Açores não hesitasse em dar o seu apoio a Manuel Alegre, candidato (no actual quadro político) mais bem colocado para derrotar Cavaco Silva.

Sabemos das dificuldades da tarefa, quanto mais não seja, por força da tradição. Por isso mesmo, é imperioso juntar forças, desde já.

Apoiamos Manuel Alegre e não confundimos os patamares da luta política do deputado interveniente no passado - com o qual, muitas vezes, ombreámos - das funções para os quais se candidata. Sem perder a memória, respeitaremos, na íntegra, o candidato supra-partidário, tal como se assumiu, na sua declaração de candidatura, feita aqui, nos Açores.

Na convicção plena de que a vitória de Manuel Alegre é importante para o País e, em particular, para o processo autonómico.

O Bloco de Esquerda afirma estar presente, também, neste combate.